

ANTUNES, Leandra Batista; BODOLAY, Adriana Nascimento. Variação Prosódica Mineira no âmbito do Projeto AMPER-POR. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIX: 162-179, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

VARIAÇÃO PROSÓDICA MINEIRA NO ÂMBITO DO PROJETO AMPER-POR

PROSODIC VARIATION IN MINAS GERAIS DIALECTS WITHIN THE FRAMEWORK OF THE AMPER-POR PROJECT

Leandra Batista ANTUNES
(Universidade Federal de Ouro Preto)
antunes.leandra@yahoo.com.br

Adriana Nascimento BODOLAY
(Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri)
adriananbodolay@gmail.com

RESUMO: Este estudo objetiva investigar a variação prosódica no estado de Minas Gerais, no falar de quatro cidades, a fim de caracterizar a prosódia nelas utilizada e de verificar se há diferenças prosódicas tanto quanto são atestadas diferenças segmentais nos falares mineiros. Para isso, foram gravadas sentenças de acordo com a metodologia do Projeto AMPER; destas, foram estudadas sentenças declarativas e interrogativas totais com final paroxítono por meio de medidas de frequência fundamental, intensidade e duração. Os dados prosódicos analisados foram semelhantes nas quatro cidades, mostrando que a prosódia não parece ser um fator primordial para distinção dialetal em Minas.

PALAVRAS-CHAVE: projeto AMPER; falares mineiros; variação prosódica; prosódia de declarativas e interrogativas.

ABSTRACT: This study investigates the prosodic variation in the state of Minas Gerais in four cities, in order to characterize their prosody and verify if there are prosodic differences as much as attested segmental differences in the speaking of Minas. To do this, sentences were recorded according to the methodology of the AMPER Project; declarative and yes/no questions which finish in paroxytone words were studied by measures of fundamental frequency, intensity and duration. The prosodic data analyzed were similar in the four cities, showing that prosody does not appear to be a principal factor for dialectal distinction in Minas Gerais.

KEYWORDS: AMPER project; Minas Gerais speech; prosodic variation; declarative and yes/no questions' prosody.

0. Introdução

O estudo da variação linguística no campo da prosódia ainda é bastante restrito no português brasileiro (PB). Embora as primeiras descrições sistemáticas do PB que incluem a variação dos sons utilizados em diversas regiões/ localidades possam ser encontradas no início do século XX, como apontado por Isquerdo (2004), em obras como as de Amadeu Amaral e Antenor Nascentes, no nível prosódico o primeiro estudo de que temos ciência é o de Cunha (2000), desenvolvido, quase um século mais tarde, com intuito específico de investigar a variação prosódica no português falado em diversas localidades do Brasil.

Pensar em variação prosódica envolve duas dimensões, pelo menos: uma, no âmbito da variação dialetal, chamada diatópica, ou seja, aquela que se concentra nas características que aproximam grupos de falantes, constituindo sua identidade social (ALKMIN, 2001; CAMACHO, 2001); outra, no âmbito dos usos que cada falante pode assumir em diferentes situações comunicativas, formais e informais, denominada variação estilística ou diafásica. Além disso, há as atitudes linguísticas, também destacadas tanto por Alkmin (2001) quanto por Camacho (2001), que são sensíveis à variação e podem ser sistematizadas. Como afirma Peres (2017), as variações de frequência fundamental, intensidade e duração sinalizam diversos tipos de variação linguística. Nenhum desses pontos de vista têm sido estudados satisfatoriamente no que se refere à variação prosódica do PB. A dimensão diatópica tem sido mais explorada, mas ainda não satisfatoriamente.

De modo a exemplificar a variação prosódica no âmbito do português brasileiro, destacamos os trabalhos de Cunha (2000), Seara e Sosa (2017) e Peres (2017). O texto de Cunha (2000) é uma tese de doutorado cuja questão central gira em torno de descrever quais padrões entonativos são utilizados em diferentes falares do PB. A autora tem como pressuposto o fato de que falantes leigos em relação ao conhecimento de prosódia são capazes de reconhecer o seu falar e diferenciá-lo de outros, por isso investiga a prosódia utilizada nas cidades de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, a partir do corpus do projeto NURC. Seus resultados demonstraram diferenças no que se refere ao falar do "norte" brasileiro (incluindo as cidades de Recife e Salvador) oposto ao "sul" (representado por Porto Alegre); as cidades do sudeste foram caracterizadas como intermediárias (Rio de Janeiro e São Paulo).

No segundo trabalho que aqui retomamos, Seara e Sosa (2017) se propõem a descrever, do ponto de vista prosódico, o falar manezinho,

característico de Florianópolis/SC. Os autores investigam a percepção do contorno melódico declarativo, caracterizado por “uma sequência ascendente pré-nuclear que sobe até um pico bastante alto seguido por uma drástica queda para a parte inferior do registro do falante” (SEARA e SOSA, 2017, p. 51). Como forma fonológica, com base na Teoria Autossegmental-Métrica, os autores indicam (L*H) iH*L% como padrão típico da fala de Florianópolis. Tal contorno denota uma característica do falar manezinho, diferindo-o de outras descrições já feitas para as declarativas neutras de outros dialetos do PB, representada na Teoria Autossegmental-Métrica por (H+L* L%), cujo principal movimento encontra-se na pré-tônica.

No terceiro trabalho citado, Peres (2017) se propõe a “verificar se os falantes de Português Brasileiro são capazes de reconhecer suas próprias variantes regionais a partir de informações entoacionais” (PERES, 2017, p. 40). Este autor propõe também experimentos para testar a percepção de falantes/ouvintes acerca do reconhecimento de padrões melódicos de três dialetos: do sul (Pelotas/RS), do sudeste (Mooca/São Paulo) e do nordeste (Senador Pompeu/CE). Foram feitos dois experimentos: um com enunciados deslexicalizados e outro com a curva melódica monotônica. A conclusão a que o autor chega, a partir desse estudo, é que a entonação é um fator relevante para a percepção dos dialetos selecionados.

Além de os estudos variacionistas da prosódia no PB serem poucos e esparsos, há que se levar em consideração que os primeiros estudos eram isolados e, como se baseavam em metodologias diferentes, não propiciavam generalizações para descrever como a prosódia difere nas mais de 5000 localidades brasileiras. Desse modo, formou-se uma lacuna nesse campo do estudo sociolinguístico que acreditamos poder auxiliar a preencher a partir de discussões aqui apresentadas no que tange à análise prosódica do dialeto mineiro, partindo do falar de quatro cidades do estado: Belo Horizonte, Mariana, Montes Claros e Varginha, seguindo a metodologia de comparação prosódica proposta no projeto AMPER. Esse artigo objetiva, pois, descrever a prosódia utilizada por falantes dessas quatro cidades mineiras em frases declarativas e interrogativas totais, comparando-as, como forma de demonstrar a contribuição prosódica para a variação dialetal diatópica nos falares mineiros.

1. O Projeto AMPER e variação prosódica mineira

1.1 O Projeto AMPER

A proposição, em 1999, de um projeto de Atlas Multimídia Prosódico do Espaço Românico – AMPER, por parte de um grupo de pesquisadores do Centro de Dialectologia da Universidade de Grenoble, veio suprir uma lacuna que vinha então se construindo em diversas línguas: a falta de estudos (ao menos com corpora comparáveis) que explorassem a variação prosódica em várias localidades. A adesão imediata de pesquisadores de Portugal (mais especificamente da Universidade de Aveiro) a esse projeto propiciou a criação do AMPER-Por, com a investigação da variação prosódica do português dentro da mesma metodologia que vinha sendo usada para as demais línguas românicas.

1.1.1 O AMPER-Por

Ao se propor a investigação do português dentro do projeto AMPER houve também a inclusão do português brasileiro como objeto de estudo dentro do Projeto AMPER-Por, o que propiciou as primeiras reflexões mais generalizadas sobre a variação prosódica brasileira, uma vez que, com o uso da mesma metodologia de gravação e do mesmo material linguístico, foi possível tecer comparações de como os parâmetros prosódicos são usados de forma diversa nos falares brasileiros. Atualmente o projeto AMPER-Por é desenvolvido no Brasil por 9 equipes compostas por profissionais e estudantes de diversas universidades brasileiras e está ligado à equipe geral do AMPER-Por, sob coordenação da profa. Dra. Lurdes de Castro Moutinho e filiado à Universidade de Aveiro. (Cf. <<http://www.varialing.eu>>)

Com objetivo de descrever a prosódia utilizada em sentenças declarativas e interrogativas totais (corpus mínimo) e a fim de possibilitar a comparação com outras línguas ou de diversos falares dentro de uma mesma língua, o projeto AMPER se baseia em metodologia específica: gravação, *in loco*, de informantes adultos, de baixo nível de escolaridade (um homem e uma mulher de cada localidade), por meio de imagens para as quais o informante elabora frases. As imagens, no caso do português, utilizam, sempre que possível, consoantes oclusivas para facilitar a segmentação fonética, em palavras que variam a pauta acentual (oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas) e formam frases com a estrutura sintática SN-sujeito e SV-predicado, sendo o verbo complementado por um sintagma preposicionado, em que a preposição (*em, de*) se junta a um SN-complemento, que pode ser de natureza simples (artigo + nome) ou de natureza complexa (artigo + nome + adjetivo).

Para a composição do corpus mínimo, são gravadas, por cada informante, seis repetições de 66 frases (33 declarativas e 33 interrogativas toais). Esse corpus mínimo pode ser ampliado por sentenças negativas, bem como por diferentes combinações entre os substantivos e adjetivos que constituem o corpus para formar outras sentenças. Também podem ser realizadas gravações com mais informantes, além daqueles com escolaridade mínima, sendo possível, por exemplo, gravar pessoas com escolaridade superior. As frases são formadas na hora da gravação pelos informantes por meio de imagem com personagens (apresentados anteriormente à gravação). Após a gravação, são escolhidas para análise as três melhores repetições de cada informante para cada uma das frases.

Dessas gravações, são segmentadas as vogais pronunciadas em cada sentença e, a partir de cálculos automáticos e de análise estatística, são gerados arquivos de texto com os valores prosódicos de frequência fundamental (f_0), intensidade e duração em cada vogal. A análise automática do corpus inclui ainda a elaboração de gráficos comparativos entre sentenças declarativas e interrogativas, bem como a criação de arquivos com valores médios e deslexicalizados a partir da pronúncia de cada frase.

Esses resultados podem ser utilizados de variados modos, incluindo comparar localidades e informantes a fim de verificar como a prosódia pode contribuir para a variação diatópica.

1.2- Variação prosódica nos falares mineiros

Desde a integração, ao projeto AMPER-Por, de uma equipe responsável por Minas Gerais, em 2007, a variação prosódica tem sido investigada nos falares mineiros. Inicialmente, foram estabelecidas quatro localidades para gravação do corpus: a capital, Belo Horizonte, que fica no centro do estado; a cidade de Mariana, distante 120km da capital, ainda no centro do estado, como uma cidade de pequeno porte representativa dessa área; uma cidade ao norte do estado (primeiramente São João da Ponte tinha sido pensada, posteriormente optou-se por Montes Claros) e uma cidade ao sul do estado (Arceburgo, num primeiro momento; atualmente a investigação está sendo feita com dados de informantes da cidade de Varginha).

A escolha das localidades a serem investigadas baseou-se em obras que buscaram investigar, ainda que do ponto de vista segmental, a variação sonora do estado. Já em Nascentes (1953, *apud* LEITE; CALLOU, 2002), nota-se que o estado de Minas Gerais não é apontado com um falar homogêneo: se no centro do estado prevalece o falar mineiro, Nascentes aponta no norte do estado um falar baiano, no sul um falar

sulista (que se projeta para todo o sul do país segundo este autor) e no extremo leste do estado um falar carioca. Na obra de Zágari e outros (1977), retomada por Zágari (2005), quando da elaboração do primeiro Atlas Linguístico do Estado de Minas Gerais, o estado foi caracterizado por três falares: um, com influência da Bahia, foi denominado pelo autor de falar baiano, ocorrendo no norte do estado e se caracterizando principalmente por maior abertura vocálica das médias pré-tônicas; outro, atestado no sul do estado e na região do Triângulo Mineiro, que se caracteriza pelo uso do /R/ retroflexo; por fim, o falar denominado pelo autor como tipicamente mineiro, que envolve o centro do estado e a Zona da Mata. A carta de divisão dos falares mineiros elaborada por Zágari pode ser vista na Figura 1.

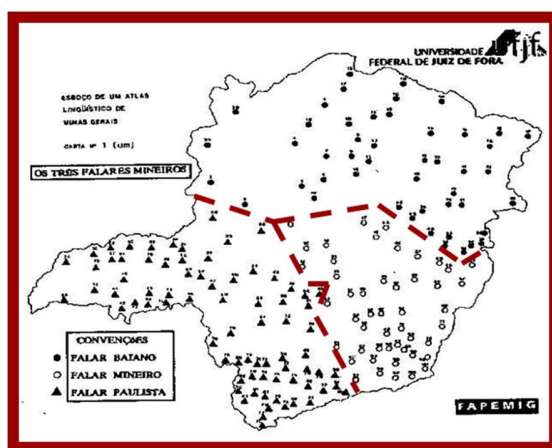


Figura 1 – Divisão dos Falares Mineiros

Fonte: Zágari, 2005, p. 64

Desse modo buscou-se, para a investigação da variação prosódica, mapear um mínimo de cidades que pudessem representar essa divisão em falares mineiros distintos, partindo do segmental, a fim de verificar se a prosódia também pode ser responsável por diferenças que caracterizem esses falares mineiros. Foi escolhida uma cidade de cada um dos falares, com exceção do falar tipicamente mineiro, no centro do estado, que se encontra representado por duas cidades: Belo Horizonte e Mariana. Isso foi pensado pelo fato de Belo Horizonte, por ser a capital e receber muitas pessoas de outras regiões, poder diferir de outras cidades do centro do estado. Na Figura 2 podem ser vistas as cidades investigadas no projeto AMPER-Por no estado de Minas Gerais.

ANTUNES, Leandra Batista; BODOLAY, Adriana Nascimento. Variação Prosódica Mineira no âmbito do Projeto AMPER-POR. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIX: 162-179, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X



Figura 2 – Cidades investigadas no projeto AMPER-Por – Minas Gerais

Fonte: elaborado pelas autoras, adaptando os mapas do Brasil e de Minas Gerais disponíveis nos sites < https://pt.wikipedia.org/wiki/Minas_Gerais > e < <http://www.baixarmapas.com.br/mapa/estado/minas-gerais/> >

A partir das gravações de dados segundo metodologia AMPER, alguns trabalhos vêm investigando a prosódia usada em sentenças declarativas e interrogativas totais no falar mineiro. No trabalho de Ramos e Reis (2007), foi feita uma descrição do padrão melódico final das declarativas e interrogativas do falar belorizontino. Os autores apontam como padrão uma melodia ascendente na primeira tônica, com descendente brusco na última tônica, para as declarativas, enquanto as interrogativas totais apresentam padrão ascendente na primeira postônica, com queda até a átona que precede a sílaba nuclear, e ascendente brusco na tônica final.

Em 2011, Antunes faz uma comparação entre os SNs iniciais (com função de sujeito) em sentenças proferidas por falantes de nível universitário das cidade de Belo Horizonte e de Mariana. Foram encontradas diferenças no que se refere aos usos da frequência fundamental distinguindo as sentenças declarativas das interrogativas, mas não houve diferenças significativas entre a fala de Belo Horizonte e de Mariana; portanto a prosódia utilizada nesses SNs iniciais não mostrou diferenças dialetais entre os falares belorizontino e marianense.

No trabalho comparativo dos falares belorizontino e marianense, Reis, Antunes e Pinha (2011) comparam as frases do corpus AMPER, dando atenção específica ao final da frase. Os autores apresentam o perfil ascendente no primeiro item do enunciado, com um movimento descendente da última átona anterior até a tônica final, para a declarativa. No que se refere às interrogativas, os autores demonstram a existência do padrão ascendente na tônica do primeiro item lexical do enunciado, com um descendente até a última pretônica, finalizando com um ascendente na última tônica.

Moura e Antunes (2012) e Antunes e Moura (2015) fizeram uma comparação da prosódia utilizada em diversas cidades mineiras, a saber, Belo Horizonte, Lavras, Uberlândia, Ipatinga, Montes Claros, Janaúba e Unaí, a partir dos dados tanto do projeto AMPER quanto do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Os dados do ALiB foram sentenças espontâneas, tanto declarativas quanto interrogativas totais, pronunciadas durante as respostas aos questionários do ALiB. Os autores encontraram algumas diferenças em relação à prosódia utilizada nas diferentes localidades pesquisadas, mas classificaram tais diferenças como sutis. Montes Claros apresentou características prosódicas que diferenciaram esse falar daqueles utilizados por informantes das cidades do centro ou do sul do estado. Não foi possível, em virtude do número de dados analisados pelos autores, confirmar se essas diferenças são realmente características de cada falar ou se são individuais (já que, para cada localidade, foi analisada a fala de dois locutores apenas: um do sexo masculino e uma do sexo feminino).

Além dos estudos de variação prosódica com base no corpus do AMPER, foram desenvolvidos outros com base em outros dados. Partindo somente do corpus do projeto ALiB, Silva (2011) e Silvestre (2012) estudam os enunciados interrogativos totais e declarativos, respectivamente, nas capitais brasileiras. Para Belo Horizonte, Silva (2011) descreve uma melodia ascendente-descendente com alinhamento à direita ou à esquerda para as interrogativas totais e Silvestre (2012) descreve o padrão melódico da declarativa como um padrão descendente. Esses achados corroboram o que foi encontrado nos trabalhos que utilizaram o corpus do projeto AMPER para Belo Horizonte, mas, como não se concentram no estado de Minas Gerais, fazendo abordagem da variação em todo o país, não podem confirmar diferenças prosódicas entre os falares mineiros.

Partindo desses estudos aqui discutidos, ainda julgamos necessário responder a três questões: i) há diferenças prosódicas para os falares mineiros? ii) se sim, em que consistem? iii) dados gravados conforme metodologia do AMPER podem responder a essas questões? Buscando responder a isso desenvolvemos este trabalho.

2. Corpus: coleta e análise

2.1 Coleta do corpus

Como parte do Projeto AMPER, o corpus analisado neste trabalho é composto por sentenças declarativas e interrogativas totais compostas por sujeito, verbo e complemento, sendo o complemento final formado

pela preposição *de* somada a um SN formado apenas por substantivo ou pela composição substantivo + adjetivo. Para este trabalho foram consideradas apenas as sentenças finalizadas por palavras paroxítonas, ou seja, *Renato*, *pássaro pateta*, *Renato pateta* e *bisavô pateta* (totalizando 10 sentenças declarativas e 10 interrogativas totais, finalizadas por paroxítonas, em todo o corpus mínimo do projeto).

Foram gravados dados de dois informantes de cada cidade que constitui os pontos de investigação deste trabalho, a saber, Belo Horizonte, Mariana, Montes Claros e Varginha. Um locutor é do sexo masculino e outro do sexo feminino para cada localidade, todos com nível de escolaridade superior. O critério de escolha para os informantes foi de pessoas com mais de 25 anos e que se disponibilizaram a gravar os dados, que não se declaravam com nenhum problema de audição ou de fala e que eram falantes nativas do português brasileiro, tendo nascido e morado a maior parte da vida nas cidades investigadas.

As gravações foram feitas a partir da metodologia AMPER: foram apresentados aos informantes os personagens que formam as frases, bem como o tipo de frase a ser gravada. Posteriormente, foram gravadas as frases que compõem o corpus do projeto por meio dos *slides* com a formação das frases, como pode ser visto no exemplo da Figura 3. As seis repetições das 66 frases foram gravadas por cada informante.

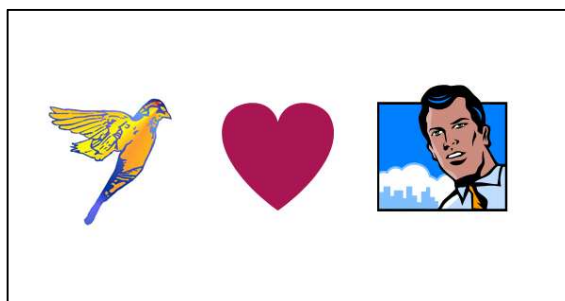


Figura 3: exemplo de slide para formação da frase declarativa "O pássaro gosta do Renato."

Fonte: Corpus do projeto AMPER-Por

Depois das gravações, foi separada, por meio da audição, a melhor repetição de cada sentença aqui analisada para cada informante, totalizando 160 sentenças analisadas para este trabalho (20 sentenças X 2 informantes x 4 localidades).

2.2 Análise do corpus

Na análise das sentenças foram feitas medidas de duração, intensidade e frequência fundamental. No parâmetro de frequência

fundamental (doravante f_0), foram medidos os valores que definem a configuração geral da curva, ou seja, o valor inicial, o valor final, os valores máximo e mínimo, bem como a média geral de f_0 apresentada em toda a sentença. Também foram medidos os valores que determinam o movimento final de f_0 , ascendente ou descendente, alinhado à última tônica do enunciado, conforme a modalidade da sentença. Os valores de f_0 foram medidos em semitons com base em 100Hz para facilitar a comparação entre os diferentes locutores. Como a f_0 tem sido apontada como o principal fator de variação no que se refere à variação dialetal no português brasileiro (CUNHA, 2000; SILVA, 2011; SILVESTRE, 2012), a investigação de todas essas medidas dentro desse parâmetro pretende mostrar também se nos falares mineiros há distinção diatópica e que tipo de distinção melódica pode ser encontrada nas medidas de f_0 .

No parâmetro de duração foi medida a duração total do enunciado, sem pausas, em segundos (cabe observar que, na maioria dos enunciados, não houve pausas. Em alguns raros casos em que houve pausas, essas foram desconsideradas na medida de duração do enunciado, pelo fato de terem sido produzidas raramente). Também foi anotado o número de sílabas pronunciado para cálculo da taxa de articulação em sílabas por segundo. Esse cálculo pode demonstrar se a velocidade de fala, maior ou menor em alguma localidade, auxilia na distinção dialetal dos falares mineiros. Para complementar a análise, foi medida a duração da última tônica de cada sentença e da última sílaba pré-tônica, anterior à tônica final. Como na literatura essas sílabas têm demonstrado importância na caracterização das modalidades, investigamos se na distinção dialetal elas têm algum papel também.

Por fim, no parâmetro de intensidade, foi medida apenas a intensidade média da sentença, em decibéis.

A partir das medidas feitas foram calculados a média e o desvio padrão dos dados, por informante, modalidade da sentença e localidade, a fim de construir os gráficos apresentados na próxima seção.

3. Resultados

A partir das medidas feitas, apresentaremos as características das sentenças analisadas por modalidade, sexo e por cidade. Os gráficos abaixo foram construídos comparando as medidas por cidade e estão separados por sexo, já que há diferenças entre o nível de f_0 dos informantes do sexo feminino e do sexo masculino, embora as medidas tenham sido feitas em semitons para facilitar a comparabilidade. No caso das modalidades, seguindo o que foi discutido na segunda seção desse artigo, como há diferenças nos níveis e nos movimentos de f_0 das frases

declarativas para as interrogativas totais, cada modalidade foi apresentada em um gráfico diferente.

3.1 Medidas de frequência fundamental

Como é possível visualizar no gráfico 1, as medidas de f_0 apresentaram as mesmas tendências nas quatro cidades estudadas, tanto para as informantes do sexo feminino quanto para os do sexo masculino, no que se refere à configuração geral da curva de f_0 .

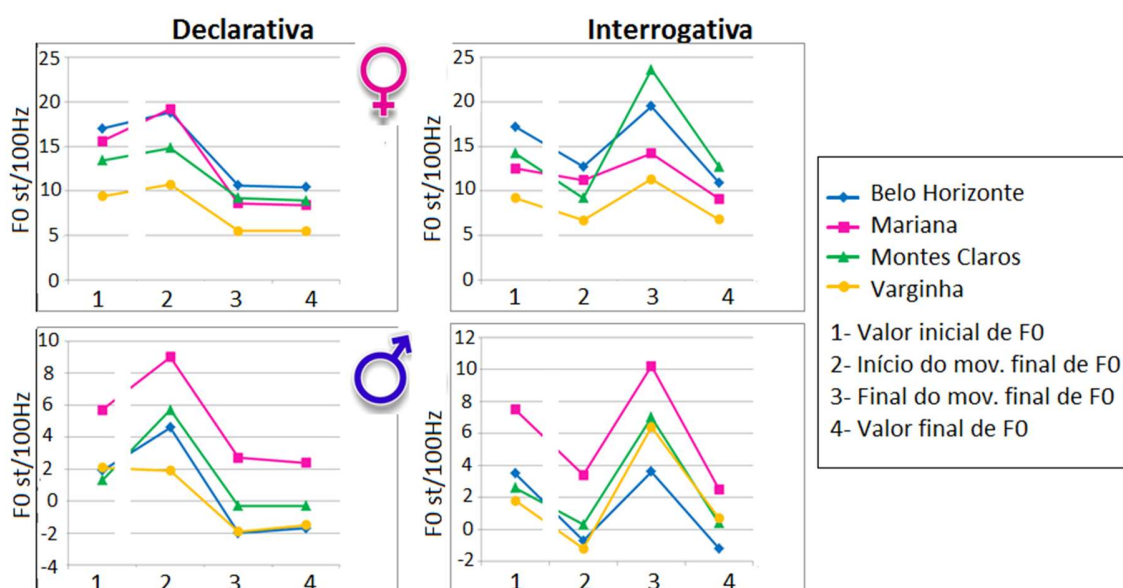


Gráfico 1: valores gerais da curva de f_0 , em semitons com referência em 100Hz, para sentenças declarativas (à esquerda) e interrogativas (à direita), produzidas por falantes do sexo feminino (acima) e do sexo masculino (abaixo), nas quatro cidades estudadas.

Fonte: dados da pesquisa

Nesse gráfico, o valor inicial de f_0 foi apresentado, seguido do valor inicial do movimento final (o corte no gráfico indica que há valores de f_0 intermediários aos apresentados, entre o início da frase e o início do movimento final alinhado à última tônica do enunciado), do valor final desse movimento e do valor de f_0 encontrado no final da frase. É possível observar diferenças entre os informantes, devido principalmente ao nível de f_0 usado por cada um (registro), mas a tendência geral apresentada nas quatro cidades é a mesma: no caso das declarativas, início em um ponto médio, valor alto de f_0 na última pré-tônica do enunciado, valor baixo de f_0 na última tônica do enunciado (caracterizando o movimento descendente de f_0 com valor mais baixo alinhado a essa última sílaba tônica, como observado por CUNHA, 2000; SILVESTRE, 2012; REIS, ANTUNES; PINHA, 2011) e valor final de f_0 na sentença no nível baixo.

No que se refere às sentenças interrogativas totais, o início da curva de f_0 se dá em um nível um pouco mais alto que o das declarativas; o movimento de f_0 alinhado à última tônica é ascendente: a pré-tônica apresenta um nível baixo (normalmente o mais baixo do enunciado), enquanto a última tônica apresenta valores altos, mostrando o movimento melódico final ascendente para as interrogativas totais; por fim, ao final do enunciado o valor de f_0 tende a baixar (também de acordo com o anteriormente observado em CUNHA, 2000; SILVA, 2011; REIS, ANTUNES; PINHA 2011).

Ainda no domínio da frequência fundamental, foi observada a tessitura média (diferença entre o valor máximo e o valor mínimo) para as sentenças utilizadas. Os valores encontrados podem ser vistos no Gráfico 2.

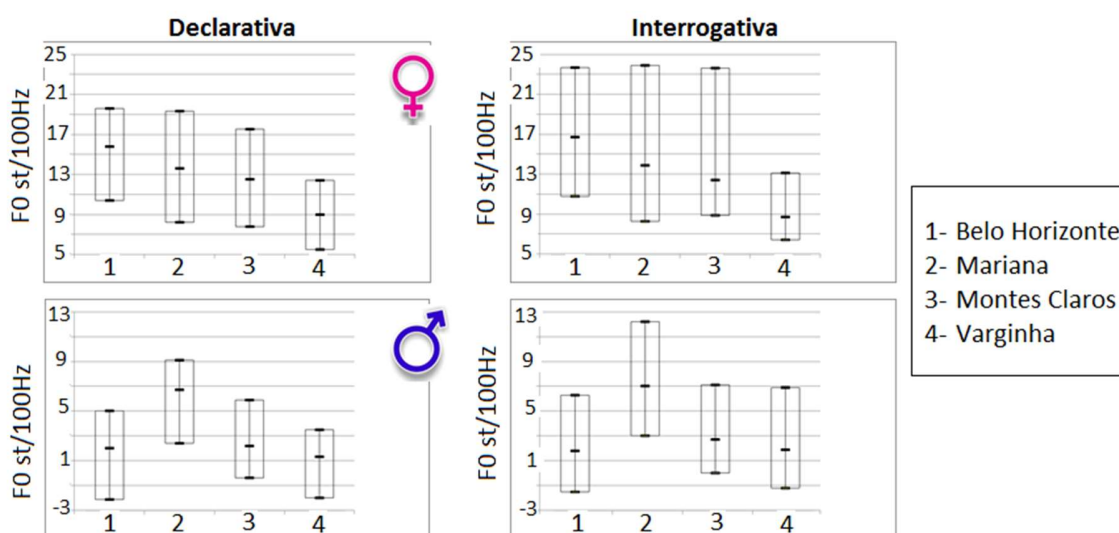


Gráfico 2: valores da tessitura de f_0 , máximo, médio e mínimo, em semitons com referência em 100Hz, em sentenças declarativas (à direita) e interrogativas (à esquerda), produzidas por falantes do sexo feminino (acima) e do sexo masculino (abaixo), nas quatro cidades estudadas

Fonte: dados da pesquisa

No que se refere à tessitura, os valores de f_0 podem ser muito variados nas diferentes localidades investigadas, mas essas diferenças podem ser referentes às características individuais de tom de voz de cada locutor. A partir da representação do gráfico 2 o que se pode destacar são os valores de f_0 mais altos nas interrogativas que nas declarativas. Para fazer afirmações a respeito dessa medida em relação à variação diatópica seria necessário analisar dados de mais informantes.

3.2 Medidas de duração

Para as medidas de duração realizadas, foram elaborados os gráficos 3 e 4. No gráfico 3, o número de sílabas pronunciadas em cada enunciado foi dividido pela duração total do enunciado (sem as pausas), dando a taxa de articulação em sílabas por segundo.

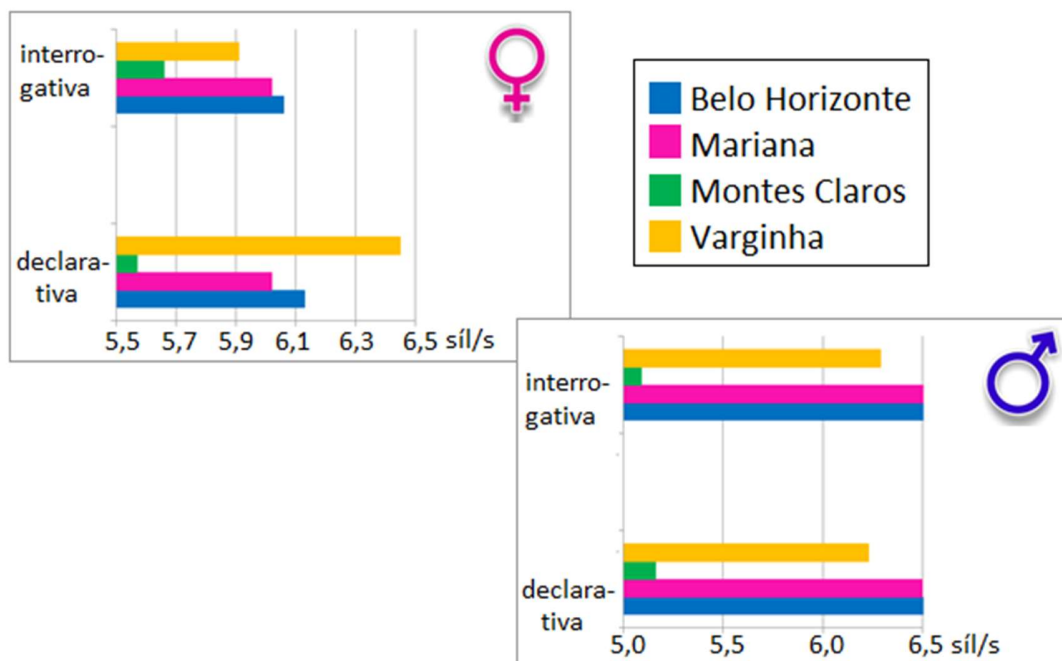


Gráfico 3: taxa de articulação média, em sílabas por segundo, nas sentenças interrogativas (primeiros dados de cada gráfico) e declarativas (dados seguintes de cada gráfico), produzidas por falantes do sexo feminino (gráfico superior à esquerda) e do sexo masculino (gráfico inferior à direita), nas quatro cidades estudadas

Fonte: dados da pesquisa

Por meio do gráfico 3, pode-se observar que, em três cidades, a saber, Varginha, Mariana e Belo Horizonte, a taxa de articulação gira em torno de 6,2 a 6,5 sílabas por segundo. Uma das cidades investigadas, no entanto, se destaca em relação às demais: Montes Claros apresenta, tanto para o informante do sexo masculino quanto para aquela do sexo feminino, uma fala mais lenta, tendo taxa de articulação entre 5,1 e 5,5 sílabas por segundo. Embora sejam achados preliminares, já que apenas dois informantes foram analisados para cada localidade, a diferença entre a taxa de articulação de Montes Claros e das demais cidades é uma questão prosódica que pode influenciar na percepção do falar baiano como diferente dos demais, pois apresenta menor velocidade de fala.

Resultados similares foram encontrados no trabalho de Antunes e Moura (2012), o que sugere que esse dado precisa ser investigado com mais informantes e em mais sentenças, seja por meio do *corpus* AMPER-Por, seja por meio de outros *corpora*.

No gráfico 4, são apresentados os valores de duração da última sílaba tônica e daquela que lhe antecede.

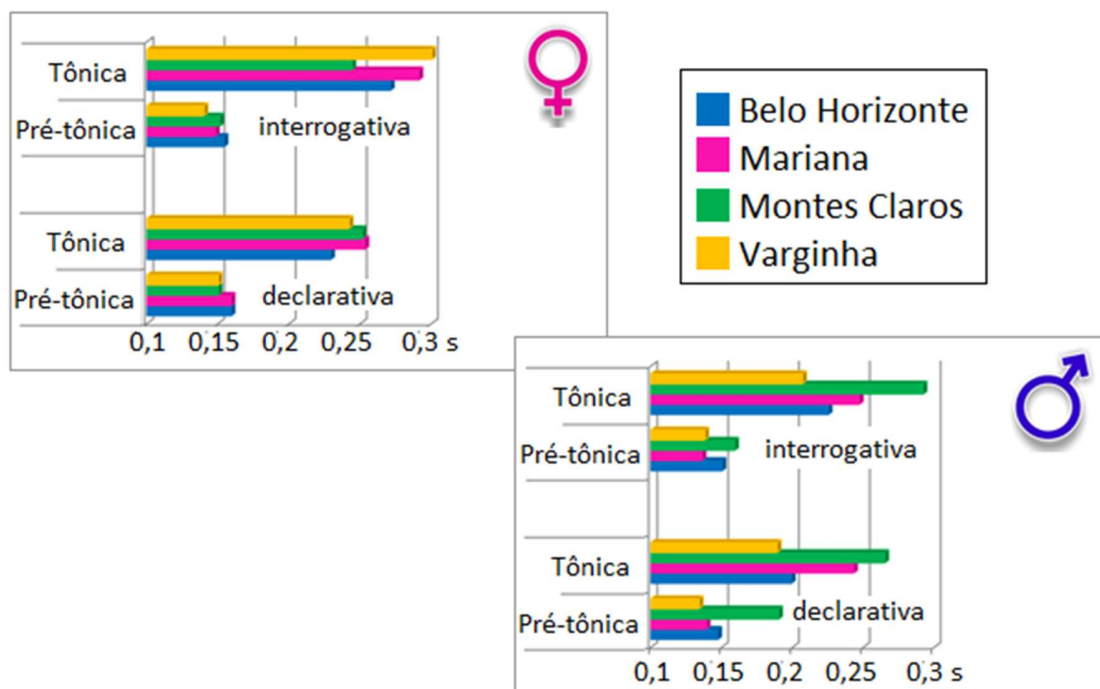


Gráfico 4: duração média da última sílaba tônica e daquela que lhe antecede, em segundos, para as sentenças interrogativas (primeiros dados de cada gráfico) e declarativas (dados seguintes de cada gráfico), produzidas por falantes do sexo feminino (gráfico superior à esquerda) e do sexo masculino (gráfico inferior à direita), nas quatro cidades estudadas

Fonte: dados da pesquisa

Nesse gráfico, complementar ao anterior, é possível notar que a última tônica da frase, bem como a sílaba que a antecede, é sempre mais longa nos dados de Montes Claros do informante masculino; já nos dados das informantes do sexo feminino há uma aproximação dos valores de Montes Claros em relação às outras cidades. Também é possível perceber que são mais longas as sílabas das sentenças interrogativas em relação às declarativas. A duração dessas sílabas pode ser um indicador de fala mais lenta na cidade de Montes Claros, a ser investigado com maior número de locutores.

3.3 Medidas de intensidade

Finalizando a análise prosódica proposta, foi medida a intensidade média de cada frase. No gráfico 5 são apresentadas as médias dessas medidas.

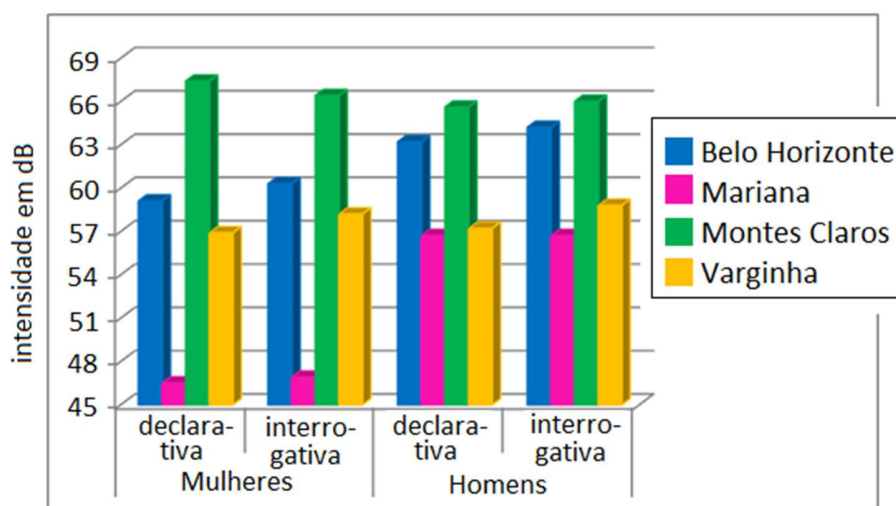


Gráfico 5: valores médios de intensidade em decibéis nas sentenças declarativas (primeiros dados de cada metade do gráfico) e declarativas (dados seguintes de cada metade do gráfico), produzidas por falantes do sexo feminino (primeiros dados) e do sexo masculino (dados seguintes), nas quatro cidades estudadas

Fonte: dados da pesquisa

No gráfico 5 é possível perceber uma tendência de haver maior intensidade nas cidades de Belo Horizonte e Montes Claros em relação às demais. No entanto, as diferenças de intensidade podem refletir apenas uma característica individual do locutor, pronunciando as frases com mais ou menos volume. Cabe também lembrar que essa diferença de intensidade pode ser devido a não ter sido controlada a distância entre boca dos falantes e microfone, o que pode influenciar nos valores obtidos.

4. Discussão e conclusões

A partir dos resultados que encontramos nos dados analisados neste trabalho, podemos retomar as questões que nos dispusemos a responder. Quanto à primeira questão proposta, é possível afirmar uma tendência de haver diferenças entre os falares mineiros no que se refere à prosódia utilizada no estado. As diferenças talvez não possam ser consideradas do mesmo nível que as segmentais, que são bem delimitadas, consistentes

ANTUNES, Leandra Batista; BODOLAY, Adriana Nascimento. Variação Prosódica Mineira no âmbito do Projeto AMPER-POR. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIX: 162-179, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

e demarcam três falares diferentes, mas é possível esperar que haja diferença entre os falares mineiros nos usos prosódicos. Como observado no que se refere à duração, o falar de Montes Claros pode diferir dos demais sendo mais lento.

Em relação à segunda questão, quais são as possíveis diferenças prosódicas para as diferentes localidades mineiras, os dados mais consistentes encontrados foram referentes à duração (sílabas mais longas e menor velocidade de fala no falar de Montes Claros). No entanto, outras investigações precisam ser conduzidas para melhor verificar fatos referentes à frequência fundamental. Um dado que não foi investigado aqui, mas poderia trazer diferenças em nível diatópico, foi o alinhamento do movimento de f_0 em relação à sílaba tônica. Perceptivamente, e observando a curva de f_0 de algumas sentenças interrogativas pronunciadas pela locutora de Montes Claros, foi possível observar que o movimento final ascendente tende a ser tardio, pois o valor alto de f_0 que caracteriza o final movimento ascendente aparece do meio para o final da última sílaba tônica, enquanto para os informantes das outras cidades a tendência do alinhamento do valor alto de f_0 do fim do movimento ascendente é no início da última sílaba tônica. Isso indica que mais parâmetros precisam ser investigados nesse sentido.

Grosso modo, pesquisas iniciais apontam para um distanciamento do falar de Montes Claros (norte do estado) do falar das demais localidades, com menor taxa de elocução e alinhamento mais tardio do pico de f_0 (a verificar), embora as características gerais ainda sejam muito parecidas para os quatro falares e o número de informantes analisado até agora seja pequeno.

Diante disso, concluímos, para a última questão proposta, que dados coletados segundo metodologia do AMPER podem propiciar respostas em relação à variação prosódica diatópica, principalmente por permitirem a comparação entre as mesmas sentenças produzidas por falantes de localidades diferentes. Vemos, entretanto, a necessidade premente de que o corpus seja ampliado para realizar esse estudo, já que um informante do sexo masculino e uma informante do sexo feminino apenas de cada localidade não propicia um estudo satisfatório da variação prosódica.

Referências bibliográficas

ALKMIN, T. A. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v.1.

ANTUNES, Leandra Batista; BODOLAY, Adriana Nascimento. Variação Prosódica Mineira no âmbito do Projeto AMPER-POR. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIX: 162-179, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ANTUNES, L. B. Análise prosódica de sentenças declarativas e interrogativas do dialeto mineiro (Brasil) com diferentes Sintagmas Nominais (SN's) na posição de sujeito. In: *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, vol. IX, n. 1, p. 141-156, 2011.

ANTUNES, L. B.; MOURA, L. Estudos da variação prosódica em Minas Gerais por meio do projeto AMPER. In: *Colóquio Internacional de Geoprosódia do Português e do Galego*. Aveiro, junho de 2015. (Pôster apresentado).

CAMACHO, R. G. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v.1.

CUNHA, C. *Entoação regional do português do Brasil*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

ISQUERDO, Aparecida Negri. De Nascentes ao ALiB: a propósito da definição da rede de pontos em pesquisas geolinguísticas no Brasil. In: *Atas do II Encontro do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste*. Brasília, vol. II, fevereiro de 2004, p. 390-398.

MOURA, L.; ANTUNES, L. B. A variação prosódica mineira: descrição e metodologias para estudo. In: *Anais da XII Semana de Letras - Pluralidade da Memória: Leitura, Tradução e Práticas Discursivas*. Mariana, 2012.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953. *Apud*: LEITE, Y.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PERES, D. O. A identificação das variedades regionais do português brasileiro através da informação entoacional. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 52, n. 1, jan./mar. 2017.

RAMOS, J.; REIS, C. Prosódia da variedade do Português Brasileiro: o Estado de Minas Gerais. Em: *Actas da I Jornadas Científicas AMPER-Por*. Aveiro, 2007, p. 79-91.

REIS, C.; ANTUNES, L.; PINHA, V. Prosódia de declarativas e interrogativas totais no falar marianense e belorizontino no âmbito do Projeto AMPER. In: *Anais do III Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

ANTUNES, Leandra Batista; BODOLAY, Adriana Nascimento. Variação Prosódica Mineira no âmbito do Projeto AMPER-POR. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIX: 162-179, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

SEARA, I. C.; SOSA, J. M. A identidade dialetal do “manezinho” com foco em características entonacionais. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 52, n. 1, jan./mar. 2017.

SILVA, J. C. B. *Caracterização prosódica dos falares brasileiros: as orações interrogativas totais*. 171f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

SILVESTRE, A. P. S. *A entoação regional dos enunciados assertivos nos falares das Capitais brasileiras*. 115f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

ZÁGARI, M. R. L. et alii. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Ed. UEL, 2005.